

## O PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL NO IF GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (GO): UM QUESTIONAMENTO E A VISÃO DO NAPNE

Carlos Henrique Marques dos Santos <sup>1</sup>  
Douglas Souza Pego <sup>2</sup>

### RESUMO

A temática da inclusão esteve em alta nas últimas décadas dentro do escopo da educação nacional, a partir desses debates, e das pesquisas realizadas, foi possível chegarmos a conclusões como a ideia de que o dever das escolas é além de ofertar os conhecimentos curriculares, acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais etc. A partir desse entendimento, buscamos saber como é o processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual (DI) no IF Goiano – Campus Urutaí. Para tal, traçamos o objetivo de revelar, por meio de questionário, como acontece o processo de inclusão a partir do olhar do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE). Metodologicamente, este trabalho teve uma abordagem qualitativa, visando ter uma proximidade melhor com o tema, o núcleo e o processo de inclusão. Como resultado, obtivemos dados que podem corroborar a hipótese de que os alunos com DI do IF Goiano – Campus Urutaí (GO), na visão do NAPNE, têm um processo de inclusão assegurado efetivamente, pois o núcleo objetiva facilitar a aprendizagem das Pessoas com Necessidades Específicas. Com isso, por meio das sete perguntas feitas por meio de questionário e resposta escrita, podemos concluir tais afirmações.

**Palavras-chave:** Deficiência Intelectual; IF Goiano; Processo de Inclusão; NAPNE.

### INTRODUÇÃO

O processo de inclusão é este e está em alta dentro dos debates da educação nacional. No entanto, entendemos que ainda está longe de ser realmente colocado em prática. Para elucidarmos essa afirmativa, é necessário que façamos as seguintes perguntas: O que seria o processo de inclusão? Há diferença entre estar inserido e estar incluído? Essas perguntas serão respondidas sequencialmente, para que possamos chegar ao cerne da pesquisa.

Inclusão é o ato de incluir determinadas pessoas que possuem necessidades especiais e sua total interação com os demais ao seu redor, portanto, é o "[...] dever das escolas de acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras" (Brasil, 1997, p. 17). Sobre isso, Maria Teresa Eglér Mantoan (2003), afirma que os

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Química, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Urutaí., [caarlosmarques987@gmail.com](mailto:caarlosmarques987@gmail.com);

<sup>2</sup> Licenciado em Química, pelo IF Goiano - Campus Urutaí, Mestrando em Educação pela UFU – Campus Santa Mônica, [dougnaziki@gmail.com](mailto:dougnaziki@gmail.com);

Ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, assim sendo, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da idéia de uma formação integral do aluno — segundo suas capacidades e seus talentos — e de um ensino participativo, solidário, acolhedor (Mantoan, 2003, p.9).

Diz em resumo, o que seria o processo de inclusão e o papel da escola, como sendo o principal lugar de convivência humana. O verbo “acolher” aparece nas duas citações acima, entendemos que incluir e acolher são sinônimos do mesmo processo educacional. Em contrapartida, o processo de inserir, seria o ato de colocar um indivíduo dentro de um meio social, ou seja, inseri-lo não é inclui-lo, a partir da diferenciação de significados trazida.

De acordo com Mantoan (2003), dizer que o processo de inclusão é somente um processo, está incorreto, pois, em sua concepção a inclusão é uma drástica mudança de paradigma/epistemologia, porque é por meio da passagem do modelo de escola tradicional para uma escola de educação inclusivas de maior qualidade e que irá suprir as necessidades de indivíduos que possuam uma necessidade, o processo de inclusão será efetiva.

Quando a deficiência em questão é a Intelectual (DI), essa, é caracterizada pelo funcionamento cognitivo do ser humano que não corresponde ao esperado pela sociedade normativa (Trentin, 2018), ou seja, que esteja abaixo do considerado “padrão” ou “normal”. Percebemos que, esses diálogos surgiram através dos campos que são diretamente ou indiretamente afetados pelo desempenho cerebral da criança que não responde aos estímulos da norma. Com isso, alguns setores da sociedade ao longo da história e mesmo na atualidade, veem como impossibilidade de convivência, excluindo, portanto, essas pessoas. Entendemos que a deve-se haver um diagnóstico que seja certificado por um profissional de saúde através de exames, para tal, surge também a necessidade do ensino na promoção nas escolas, de uma conscientização com os pais, da necessidade de realização de exames que resultem em laudos. Por se tratar de uma "limitação" na visão social, pelo medo de que as pessoas com DI não atinjam determinadas habilidades, é sempre bom que lembremos que, os casos devem ser analisados de forma isolada pelas particularidades de cada alunado tem perante o mundo diverso e repleto de possibilidades ao qual vivemos.

Um desses lugares de encontro de diversidades culturais, sociais, religiosas etc, onde, apesar desse encontro, infelizmente as pessoas com deficiência são limitadas, é a escola. Nesse lugar, as pessoas com DI, são interpretadas, às vezes, como tendo incapacidade completa, visão essa, que já sabemos estar equivocada, pois, é um fato que isso não é verdade (devemos considerar caso a caso). De um modo geral, o que argumentamos aqui, o partilhamento da ideia

de que essas pessoas possuem capacidades únicas, individuais, pois, cada humano, é único no universo.

Logo, considerando finalmente que a escola, seja de educação básica ou superior é heterotópica, defendemos a ideia de que ela deveria arquitetar o acolhido, ou ainda a inclusão daqueles que são os sujeitos educandos nesses lugares. Com isso, o estado, então, deve assegurar que todos tenham acesso à educação e que desenvolvam suas habilidades e que as pessoas com DI sejam incluídas nas escolas durante seus processos educativos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa, baseia-se na abordagem qualitativa como seu método, com intuito de esclarecer, ou ainda, trazer para o lugar de destaque, os debates de inclusão e/ou garantia à educação de qualidade para as pessoas com DI. Sobre esse método de pesquisa, Neves (1996), esse método de pesquisa,

[...] costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativo (Neves, 1996, p. 1).

Com isso, elaboramos e aplicamos um questionário com sete perguntas ao órgão do IF Goiano Campus Urutaí que é responsável por trabalhar diariamente com os alunos com diversas necessidades, o Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), objetivando saber como, e se é assegurada a educação dos alunos com DI na instituição. As perguntas foram elaboradas anteriormente e entregues aos representantes do núcleo de forma impressa. Sabendo disso, apresentamos a abaixo, no Quadro 1, as perguntas entregues ao NAPNE.

Quadro 1 – Relação das perguntas feitas ao NAPNE buscando saber como é a realidade da educação dos alunos com DI no IF Goiano – Campus Urutaí (GO).

<b>PERGUNTAS</b>
<b>1. Há quantos alunos com deficiência intelectual (DI) no IF Goiano - Campus Urutaí (GO)?</b>
<b>2. Quais são seus cursos e séries desses alunos?</b>
<b>3. Como se dá o processo de inclusão desses alunos?</b>
<b>4. Quais são as maiores dificuldades desses alunos na aprendizagem?</b>

- |   |
|---|
| <b>5. Quais são as maiores dificuldades desses alunos no convívio social?</b>   |
| <b>6. Quais as maiores dificuldades que a escola teve/tem na inclusão desses alunos?</b>  |
| <b>7. Qual (is) dica (s) você pode compartilhar com os futuros professores para ajudar na inclusão de alunos com deficiência intelectual?</b> |

FONTE: Os Autores, 2023.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O NAPNE, que “tem como finalidade desenvolver ações inclusivas, como as políticas e ferramentas de inclusão, e responde pelas ações de inclusão relacionadas ao atendimento do estudante, público-alvo da educação especial e/ou com necessidades educacionais específicas” (IF Goiano - Campus Urutaí, 2023, n.p), e sendo assim, foram elaboradas 10 perguntas a esse núcleo visando obter respostas que vislumbrem a realidade da educação dos alunos com DI no IF Goiano – Campus Urutaí (GO).

Ressaltamos que as perguntas foram entregues pessoalmente à direção do NAPNE, e o mesmo documento foi recolhido com as respostas que aqui serão discutidas. Como apresentamos no Quadro 1, a primeira pergunta objetivava saber em termos numéricos, apesar de esse não ser o principal método de pesquisa, análise e escrita dessa pesquisa, quantos alunos com a DI há no IF Goiano - Campus Urutaí (GO) no ano de 2023. O NAPNE respondeu que existem dois alunxs com essa deficiência, e se comparado ao somatório de alunos não deficientes, o ingresso e permanência dos alunos com a DI na instituição é considerada pouca.

Para tal afirmação, considerarmos os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010, que apresentou o número de 171 pessoas com a DI na cidade de Pires do Rio (GO), 10 pessoas com a DI na cidade de Urutaí (GO), 33 pessoas com a DI em Ipameri (GO), 71 pessoas em Orizona (GO) e 110 pessoas com a DI Caldas Novas (GO), ambas são citadas aqui, pelo motivo de serem os centros urbanos que compõem em termos quantitativos de alunos matriculados no IF Goiano – Campus Urutaí (IBGE, 2010, n.p).

Logo, cabe-nos refletir e, quem sabe, posteriormente, localizar onde e em quais condições sociais, estão essas pessoas trazidas pelo IBGE em 2010. Indagamos ainda, sobre os motivos dos dados do IBGE não terem sido atualizados, sendo, portanto, 13 anos sem atualizações.

Assim, precisamos refletir porque há poucas pessoas com a DI nesta instituição de educação pública, pois, em 2017, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) vinculado ao Ministério da Educação (MEC),

“[...] esteve no Campus Urutaí do IF Goiano [...] Após a verificação, obrigatória às instituições que atuam na educação superior, das instalações físicas, realização de diversas reuniões com gestores, Comissão Própria de Avaliação (CPA), professores, técnicos-administrativos e alunos, além da conferência e análise de documentos institucionais diversos, como: PDI, regimentos, estatuto, regulamentos, atas, relatórios de avaliações anteriores, portarias, resoluções, pastas com toda a documentação funcional e acadêmica de professores – o que inclui o currículo Lattes atualizado e devidas comprovações entre outros. **Foi atribuído ao Campus Urutaí o conceito 5, nota máxima, que ainda não havia sido alcançada por nenhuma unidade de Goiás** (IF Goiano - Campus Urutaí, 2023, n.p, Grifo Nosso).

O que questionamos é, se a instituição, apesar de ter a maior nota na métrica de qualidade educacional, não recebe um número maior de alunos com a DI, por qual outro motivo esses alunos não estão ingressando essa instituição de qualidade? Inferimos poder ser a distância casa-escola, ou ainda o capacitismo difundido socialmente, especialmente nessa mesorregião.

Em sequência, na pergunta de número dois, questionamos quais são os cursos (considerando os de graduação e médio-técnico), bem como, o ano que esses alunos estão cursando. Como resposta do NAPNE, obtivemos que os dois alunxs estão inclusos no sistema de educação superior dessa instituição, sendo um(a, e) cursando o Bacharelado em Sistema de Informação (SI) e o outro(a, e) cursando a Licenciatura em Ciências Biológicas. Como evidenciado, notamos que nenhum deles estão nos cursos de ensino técnico integrado ao ensino médio da instituição, porém, não sabemos se esses alunxs estudaram ou não no instituto anteriormente.

Entendemos que, nas situações tanto de inserção/integração, quanto de inclusão escolar, “[...] nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção (Mantoan, 2003, p. 15). Com isso, fizemos a pergunta de número três, buscando saber, como se dá o processo de inclusão desses alunos. Sobre isso, o NAPNE respondeu que a inclusão, se dá de duas maneiras, i) - por meio de “Atendimento Educacional Especializado” e ii) - por meio de “Adaptações Curriculares”.

Ao considerarmos que esse texto pretende comunicar aos que aspiram ser professores na educação básica - ou mesmo os que pretendem ser professores no ensino superior, é extremamente importante que ao pensarmos no escopo e nos debates sobre a Formação Inicial, deve estar esclarecido para licenciados e licenciandos que precisam “[...] entender que não devem apenas ser um reproduzidor de conteúdo (Pego et al., 2019, p. 166), mas sim, formadores. Isso quer dizer, que sua atenção deve, além de estar voltada para os conteúdos específicos que compete á cada área e disciplina, devem estar também voltada, a sua atenção, para o processo formativo dos seus alunos com alguma deficiência, ou com a ausência dela, bem como o que isso exige e implica.

Quando tratarmos aqui da DI e da Educação Inclusiva (EI), entendemos que a adaptação dos conteúdos, o desenvolvimento de uma linguagem aproximada e clara para esses alunxs, possibilitam ou ainda, facilitam o percurso para que o processo formativo seja efetivo. Nesse sentido, o papel do NAPNE ao fomentar essas atualizações, adaptações e nortear o atendimento desses alunos, é imprescindível para o IF Goiano – Campus Urutaí (GO). Dizemos isso, especialmente pois, como afirma Saavedra (2018), apesar do avanço do ponto de vista intelectual da EI, os professores da região de onde Urutaí está localizada, que trabalham com a educação básica, ainda “[...] apresentaram grandes dificuldades na falta de materiais adequados, sobrecarga de aulas, grandes números de alunos em sala de aula e a falta de capacitação específica” (Saavedra, et al., 2018, p. 7).

Na pergunta número quatro, buscamos saber, quais seriam as maiores dificuldades desses alunos na aprendizagem, a partir da visão do núcleo. Em resposta, subemos que os alunxs têm dificuldades na: “Memorização/Abstração/Compreensão Raciocínio Lógico” (NAPNE, 2023). Com essa resposta, afirmamos que é importante que reflitamos sobre essas barreiras apontadas por eles.

Observe o que Saavedra afirma sobre o papel do professor na resolução dessas chamadas barreiras:

“Para atender a requerida inclusão, a escola deve atuar, como um órgão de vanguarda, permitindo o desenvolvimento do aluno com NEE de forma igualitária, e levando o mesmo a alcançar seu potencial máximo de aprendizagem [...] aqui não podemos esquecer também as devidas formações profissionais atuantes na área (Saavedra, et al., 2018, p. 6).

Com isso, pensamos que é um dos deveres de um professor, torna essas barreiras menores por meio da sua prática didático-pedagógica e da sua transposição didática. A partir disso, trazemos o que Pego (2019) disse, ao afirmar que “[...] a perda de um ou mais sentidos não diminui a potencialidade da pessoa, [...] não representa um obstáculo intransponível para que se relacione de forma construtiva consigo mesma e com o mundo do qual faz parte” (Pego et al., 2019, p. 159).

Por falar da “relação construtiva de si com o mundo”, trazemos com a quinta pergunta, quais são as maiores dificuldades, na visão do NAPNE, desses alunos com a DI, no convívio social. Os profissionais do núcleo, responderam que nenhuma, isso é, os alunxs dessa instituição não tem dificuldades no convívio social com seus demais colegas, fazendo entender que a deficiência não os limita a viver socialmente, pelo menos não, na visão do NAPNE.

Ao considerarmos a máxima do Saviani (1991, p. 15), que “[...] o homem não se faz homem naturalmente, ele não nasce sabendo ser homem [...]”, ele se constrói, e o faz no

convívio com seus semelhantes. Isso quer dizer que, os alunos com a DI nos cursos superiores do IF Goiano – Campus Urutaí, estão tendo, além dos conhecimentos escolares assegurados em sua totalidade e qualidade, também os conteúdos sociais lhes são entregues.

Ao questionarmos na sexta pergunta quais seriam as maiores dificuldades que a escola teve ou tem na inclusão desses com a DI, a resposta foi que são as barreiras. Rodrigues, Bernardino e Moreira (2022) trazem a definição de essas barreiras seriam as atitudes ou comportamentos que venham porventura impedir, ou mesmo prejudicar a participação social da pessoa com deficiência (Rodrigues; Bernardino; Moreira, 2022, p. 11). Isso quer dizer, que cabe a instituição aflorar situações e debates que discutam essas atitudes, como forma de implementar uma conscientização nesse sentido.

Com a pergunta 7 questionamos, se haveriam dicas ou mesmo apontamentos do NAPNE que eles poderiam compartilhar com os futuros professores, visando ajudar no processo e debate da inclusão de alunos com a DI. O núcleo, instruiu que os professores e futuros docentes, devam “Buscar Formação Continuada; Trabalhar em Equipe; Dialogar” (NAPNE, 2023). A partir dessa resposta, acreditamos que se faz necessário, trabalhar com os professores, a busca por essa formação continuada de qualidade, e o IF Goiano – Campus Urutaí (GO), é um ambiente propício para que sejam realizados cursos à nível de especialização sobre a temática da EI.

Finalizamos, portanto, esse texto trazendo o último termo trazido pelo NAPNE em suas respostas: o diálogo. Ambrosio (2013), afirma que o diálogo “[...] é inerente à condição humana. Comunicar-se é uma das necessidades primeiras dos seres, essencial à sobrevivência” (Ambrosio, 2013, p. 1074). Ao refletirmos sobre o pedido que haja mais diálogo ao longo do processo educativo das pessoas com a DI, pensamos no inverso, na ausência dele. Se “o educador é o que diz a palavra” (Freire, 1987, p. 34) e os educandos nesse processo, “os que a escutam docilmente” (Freire, 1987, p. 34), é de suma importância que “[...] em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo [...]” (Freire, 1987, p. 39). Logo, a prática do diálogo durante o percurso formativo no âmbito da EI, deve ser estimulada durante a Formação Inicial, Continuada e durante a Prática docente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que o cenário que neste trabalho é relatado, diz sobre uma instituição de educação federal, que faz aquilo que um dia foi pensado como utópico, real. Isto é, o avanço aqui dito é de alguma maneira merecedor de aplausos, pois, a inclusão que o IF Goiano – Campus Urutaí (GO) relatada através das respostas ao questionário apresentado ao NAPNE, a instituição tem feito um excelente papel no que diz respeito a inclusão dos alunos com a DI.

Concluimos que o uso de questionário possibilitou-nos ter uma maior aproximação com aqueles que trabalham diariamente na manutenção do processo de inclusão dos alunos com a DI. Porém, ressaltamos que faz-se necessária a inserção de debates no interior da instituição, para que este tema esteja discutido no cotidiano, de onde saem as pesquisas que orientam e normatizam as práticas docentes.

Notamos que os alunos com a DI do IF Goiano - Campus Urutaí (GO), são pessoas que poderão exercer as profissões escolhidas e conviver em sociedade, mesmo ela tendo alguns padrões injustos em relação a esses corpos.

Em suma, concluimos que o que foi dito nesse trabalho importante pois nos cursos de licenciatura<sup>3</sup>, a presença desse debate é mais que necessário, sendo fundamental para práticas docentes dos futuros professores. É do gosto desses autores continuar essa pesquisa, que tentará como próximos passos, ouvir esses alunos, e saber o que eles pensam sobre o processo de inclusão que os cerca e entender essa outra visão, a daqueles que tem suas vidas diariamente impactadas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao NAPNE, pela prontidão em nos responder e por exercer suas profissões, facilitando o processo de ensino-aprendizagem de alunos com necessidades específicas no IF Goiano – Campus Urutaí (GO).

## **REFERÊNCIA**

AMBROSIO, Ana Cristina da Silva. **O Diálogo Em Paulo Freire: Contribuições Para O Ensino De Matemática Em Classes De Recuperação Intensiva**. Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 21 a 24 de outubro, 2013.

BRASIL. **Ministério da Ação Social**. Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Brasília: IBGE, 2010.

IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ. **Campus Urutaí recebe conceito máximo do Inep**. Instituto Federal Goiano, Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/home/index.php/documentos-servicos-trindade/178-destaque-urutai/5211-campus-urutai-recebe-conceito-maximo-do-inep>. Acesso em: 09 de outubro de 2023.

---

<sup>3</sup> Curso que os autores estudam.

IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ. **NAPNE - Urutaí**: Apresentação. Instituto Federal Goiano, Ministério da Educação, 2023. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/home/index.php/nucleos33/621-napne-urutai/21962-apresentacao.html>. Acesso em: 27 de setembro de 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?, **Moderna**, São. Paulo, 2003.

NEVES, José Luis; **Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades**. caderno de pesquisa em administração, v. 1, n. 3, São Paulo, 1996.

PEGO, Douglas Souza; LEITE, Nicole Christian da Silva; MARCELINO, Viviane Lopes; GONÇALVES, Elisabete Alerico. **A Inclusão de Alunos com Deficiências Auditiva e Intelectual no Ensino de Ciências do Ensino Fundamental de uma Escola Pública de Urutaí - Goiás**. In. Anais do III Congresso de Educação e Seminário de Educação e Relações Étnico-Raciais de 22 a 24 de maio de 2019, p. 156-167. Disponível em: <https://seercongresso.wixsite.com/eduifgoiano>. Acesso em: 12/01/2023.

RODRIGUES, M.; BERNARDINO, J. L. F.; MOREIRA, M. V. Barreiras atitudinais: A exclusão que limita a acessibilidade de pessoas com deficiência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1311-1326, abr./jun. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.1505>

SAAVEDRA, Lucas Peres; OLIVEIRA, Alice Maria de; SANTANA, Déborah Vaz; GONÇALVES, Elisabete Alerico. **As Escolas estão Preparadas para a Inclusão? Uma Avaliação de Três Escolas Públicas de Goiás**. VII Encontro Nacional de Licenciaturas, Fortaleza, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**: Primeiras aproximações. São Paulo. Cortez: Autores Associados, 1991.

TRENTIN, Valéria Becher. **Deficiência intelectual**: fundamentos e metodologias. / Valéria Becher Trentin. – Indaial: UNIASSELVI, 2018.